

# AS SENDAS DA FORMAÇÃO ACADÊMICA: UM TEIMOSO DIÁLOGO ENTRE VIDA, CAUSA SOCIAL E UNIVERSIDADE

## THE PATHS OF ACADEMIC FORMATION: A STUBBORN DIALOGUE BETWEEN LIFE, SOCIAL CAUSE AND UNIVERSITY

**João Batista Costa Gonçalves \***

*UECE*

**Marcos Roberto dos Santos Amaral\*\***

*UECE/SEDUC-CE*

O sujeito da compreensão não pode excluir a possibilidade de mudança e até de renúncia aos seus pontos de vista e posições já prontos. No ato de compreensão, desenvolve-se uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento. (Mikhail Bakhtin)

**Resumo:** O propósito deste artigo é discutir, a partir da Análise Dialógica do Discurso (ADD), em que sentido relações dialógicas e éticas, no espaço acadêmico, podem promover práticas transformadoras em favor do empoderamento de grupos marginalizados. Fundamentamo-nos, para esta discussão, nas ideias de Bakhtin (2010; 2014; 2015), Bakhtin/Volochínov (2014 [1924]) e Volochínov/Bakhtin (s/d), bem como em intérpretes desta perspectiva dos estudos da linguagem, como Brait (2014), Faraco (2017), Marchezan (2014) e Silva (2013), a fim de construirmos a base teórico-conceitual desta pesquisa. Apoiados, neste alicerce teórico, sugeriremos uma atividade escolar, destacando sua importância para uma prática pedagógica transformadora. Deste debate, mostramos que a atividade acadêmica nunca é desinteressada, porque participa de questões sociais e históricas. Com efeito, destacamos que é papel da academia preocupar-se com os problemas éticos da pesquisa, na busca de solução de questões sociais, na crítica da constituição e do status de seu discurso e, ainda, no compromisso com determinados grupos da sociedade.

**Palavras-chave:** Análise Dialógica do Discurso. Atividade Acadêmica. Pedagogia Transformadora.

\* Possui graduação em Letras, mestrado, doutorado e pós-doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente é adjunto IX da Universidade Estadual do Ceará, coordenador do curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da mesma Universidade. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, e desenvolve pesquisas centradas nos estudos bakhtinianos do discurso.

\*\* Possui graduação em Letras Portuguesas e Literaturas e mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (PosLA/UECE). Doutorando do mesmo programa. Membro do Grupo de Estudos Bakhtinianos do Ceará (GEBACE) e do Grupo de Estudos Deleuze & Guattari (GEDEG). Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Professor (licenciado para estudos) da rede estadual de ensino do Ceará - SEDUC-CE. <https://orcid.org/0000-0001-8130-4580>

**Abstract:** The purpose of this article, from the Discourse Dialogic Analysis (DDA), in which meaning, dialogical and ethical relations, in the academic space, can promote transformative practices in favor to the empowerment of marginalized groups. Our theoretical assumption is based on the ideas of Bakhtin (2010; 2014; 2015), Bakhtin/Volochínov (2014 [1924]) and Volochínov/Bakhtin (s/d), as well as interpreters from this perspective of language studies, such as Brait (2014), Faraco (2017), Marchezan (2014) e Silva (2013), in order to construct the conceptual-theoretical basis of this research. Based on this theoretical assumption, we will suggest a school activity, highlighting its importance for a transformative pedagogical practice. In such debate, we show that the academic activity is never desinterested, because it participates in historical and social issues. In fact, we highlighted that it is the role of the academy to be concerned with ethical problems of research, in search of solutions about social problems, in the criticism of the constitution and the status of its discourse, and also in the commitment with certain groups of the society.

**Keywords:** Discourse Dialogic Analysis. Academic Activity. Transformative Pedagogy.

## Introdução

Ao nos depararmos com um questionamento a respeito dos caminhos pelos quais nossa trajetória acadêmica enveredou-se, podemos pensar nos propósitos que esboçaram os passos do caminhar de nossa vida e nos anseios que determinaram por quais searas seguir nesta caminhada. Procuramos, assim, nestas primeiras linhas, não dissociar vida acadêmica de perspectiva e expectativa de vida, porque acreditamos que uma forma de vida não independe da outra. Certamente, fazer uma apresentação de nossas escolhas individuais que caracterizam nossa identidade acadêmica, como sujeito que participa das vicissitudes da vida, dentro e fora dos muros da universidade, é tarefa que suscita uma reflexão sobre a relação íntima, diríamos, entre os conceitos, métodos e trabalhos que desenvolvemos com a nossa vontade de construção de uma vida melhor, para todos.

Por isso, analisaremos uma proposta pedagógica (sobre educação de trânsito) a fim de pôr em perspectiva um tipo de atuação pedagógica que, acreditamos, é possível de ser trabalhado na escola, de maneira que, através dele, se concretizem práticas cidadãs, com o intuito de sinalizar para onde as práticas dentro dos muros da universidade, especialmente, as de formação docente, podem olhar, estabelecendo, dessa forma, um diálogo transformador com a escola e a sociedade.

Entendemos por prática pedagógica transformadora um tipo de ação ética que se delinea enquanto problematização de formas de garantia ou impedimento do exercício de direitos sociais, civis e políticos<sup>1</sup>. Nesse sentido, as práticas pedagógicas são formas de mediar “questões suscitadas pela prática social, dispor os instrumentos teóricos e práticos para a sua compreensão e solução e viabilizar sua incorporação como elemento integrante da própria

<sup>1</sup> A respeito do entendimento desses direitos, cf. nota nove.

vida dos alunos” (SAVIANI, 2007, p. 420); e de promoção da relação com o saber, apostando em gestos de solidariedade, bem como em outros tipos de relações sociais que seguem a aventura humana de consciência de si enquanto ser humano solidário histórico (CHARLOT, 2013, p. 182).

Nesse sentido, nas palavras que se seguem, tentaremos, sobretudo, refletir sobre o diálogo que os fundamentos da perspectiva teórica que escolhemos para trabalhar – uma perspectiva círculo-bakhtiniana, a Análise Dialógica do Discurso – travam com algo que acreditamos atravessar nossa formação pessoal – os anseios de uma vida social que se pautem na comunhão com o próximo, em detrimento de uma lógica individualista de rivalidade e competitividade exacerbadas, tão próprias do nosso tempo, indiferente às suas constitutivas condições de abuso, nas situações concretas da vida.

Para tanto, organizaremos nosso texto da seguinte forma: num primeiro momento, teceremos considerações sobre como o chamado Círculo de Bakhtin e a Análise Dialógica do Discurso podem ajudar-nos a entender de que maneira as relações dialógicas endossam práticas anticapitalistas e de que forma esta perspectiva teórica permite o estudo engajado contra formas de reificação do homem. Em seguida, discutiremos alguns dos motivos que fazem do estudo do discurso vivo uma forma para compreender melhor os modos de organização e atuação do ser humano na constituição das interações sociais, desse modo, enfatizando como esta compreensão configura o viés ético dessa perspectiva. Por fim, apresentaremos um exemplo de sugestão de aplicação de uma análise dialógica numa atividade escolar, destacando sua importância para uma prática pedagógica transformadora.

## **Círculo de Bakhtin e Análise Dialógica do Discurso**

Segundo Silva (2013, p. 43), “dá-se o nome de Círculo, em geral, aos grupos formados pelo pensador russo e por seus amigos e colaboradores em diferentes momentos da vida de Bakhtin”. Além deste, Volochínov e Medvedev são dois importantes integrantes desse grupo. Silva (2013, p. 46) destaca que Bakhtin nasceu em Orel-Moscú, em 1895, e faleceu, em 1975, em Moscú. O filósofo, por questões políticas, viveu em várias cidades. Refletiu sobre linguística, literatura, arte, cultura popular e religião. Volochínov, de acordo com Silva (2013, p. 47):

Aproxima-se de Bakhtin em Nevel, uma pequena cidade onde o pensador residiu entre 1918 e 1920. Lá, formou-se um grupo de estudo que constituiu a primeira formação do círculo de Bakhtin. Volochínov assina algumas das obras mais importantes do Círculo, como *Marxismo e filosofia da linguagem*.

Já Medvedev, ainda segundo Silva (2013, p. 47), “aproximou-se de Bakhtin em outro momento, numa cidade chamada Vitebski, onde vários

membros do Círculo passaram a residir entre 1920 e 1924. Credita-se a Medvedev a autoria de ‘Método formal nos estudos literários’”. Sipriano (2014, p. 23) observa que, na Rússia, havia vários grupos de estudos formados por intelectuais de diversas áreas, entre os anos 1920 e 1970. Bakhtin participou de muitos grupos cujo interesse versava sobre questões linguísticas e de filosofia da linguagem. A autora comenta que o grupo de Bakhtin se reunia em Nevel, Vitebsky e São Petersburgo e que este, além dos referidos:

Era constituído por pessoas de diversas formações, interesses intelectuais, e atuações profissionais (um grupo multidisciplinar, portanto), incluindo, entre vários outros, o filósofo Matvei I. Kagan, o biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria Yudina, o professor e estudioso da literatura Lev V. Pupianski (SIPRIANO, 2014, p. 23).

Em geral, o Círculo buscou estudar, sobretudo, as formas de organização das práticas culturais, no que toca a sua relação com a questão da organização das práticas discursivas. Nesse sentido, os problemas concernentes às forças transformadoras e conservadoras das formas de produção discursiva e cultural, específicas de uma estrutura social estratificada e às formas sociais de abuso e solidarização destas com a palavra alheia, são pontos centrais para a compreensão da obra círculo-bakhtiniana. Por fim, todo seu debate deve ser considerado tomando em conta as formas dos textos que estão sensíveis a esses problemas.

Não é à toa, portanto, que Brait (2014, p. 10) explica que a concepção de linguagem da chamada Análise Dialógica do Discurso (doravante ADD) define-se:

Como lugar de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, [...] de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados [fazendo] da análise um processo de diálogo entre sujeitos.

A autora aponta três características fundantes da ADD, a saber: 1) a alteridade constitutiva das noções dialógicas; 2) dialogismo constitutivo de todos os discursos em diversos graus; e 3) interação como processo verbal e social. Ela sustenta que essa perspectiva tem como embasamento constitutivo tanto o comprometimento ético do pesquisador para com o objeto estudado, instaurado pela relação entre língua, linguagem, história e sujeito; quanto o entendimento de que a construção de sentidos na linguagem se apoia em relações discursivas historicamente situadas. (BRAIT, 2014, p. 10). Nesse sentido, a autora observa que a ADD se constitui de conceitos, noções e categorias características da postura dialógica diante do *corpus* discursivo, da metodologia e da atitude do pesquisador, o que permite a análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem,

além de assumir o compromisso ético que o pesquisador tem para com o objeto de pesquisa (BRAIT, 2014, p. 29).

Para chegar a estas conclusões, Brait (2014) percorre a trajetória da obra e do pensamento de Bakhtin e do Círculo aqui no Brasil, indicando em que cada livro do Círculo contribuiu para a consolidação da ADD. Destaca, por exemplo, que, na obra “Marxismo e filosofia da linguagem”, se estabelece a noção de signo ideológico, que introduz as questões da situacionalidade do discurso, do uso concreto da linguagem e da presença constitutiva do outro. Já em “Problemas da poética de Dostoiévski”, a autora mostra que se desenvolve a configuração de uma metodologia que parte da leitura minuciosa do conjunto de uma obra e chega *a posteriori* a um conceito. Em “A obra de François Rabelais e a cultura popular na idade média” e “Questões de literatura e estética”, a autora destaca que se confirma o método dialógico utilizado em “Problemas da poética de Dostoiévski”, bem como o estudo da linguagem em uso, não descartando nenhum tipo de discurso, e sua concepção social e histórica.

A autora observa ainda que a obra “Estética da criação verbal” encerra um acabamento final de uma ideia de pensamento bakhtiniano, no que toca aos conceitos dialógicos e à discussão da relação ética eu/outro, enquanto no ensaio “Discurso na vida e na arte”, de Volochínov, e na obra “Por uma filosofia do ato”, de Bakhtin, os pensadores russos contribuíram, respectivamente, para o aprofundamento das noções de interação verbal e acentuação para Círculo e o das bases filosóficas de Bakhtin.

É importante notar que a concepção de linguagem que subjaz aos estudos bakhtinianos define-se pela devida consideração da especificidade ideológica da linguagem. Nessa direção, tal concepção recobre as particularidades de criação, circulação e disputa de sentidos que se estabilizam socialmente e se especificam conforme as singularidades contraditórias das práticas sociais. É sob esta perspectiva que Bakhtin (2015, p. 207) entende a linguagem, “em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística<sup>2</sup>, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida do discurso, [...] fenômeno concreto, muito complexo e multifacético”.

Dessa forma, os aspectos da vida do discurso que tornam a linguagem um fenômeno concreto e ideológico são sua natureza dialógica, que pressupõe a presença de posições contraditórias, articulando-se num mesmo enunciado. Assim, é que essa concepção de linguagem implica, em sua constituição, o dialogismo, a atividade composta por diversos sujeitos históricos em contradição. É nessa ideia de contradição social que atravessam as práticas discursivas que se delineia a posição crítica de engajamento contra a lógica capitalista liberal que Bakhtin (2015, p. 322) empreende teoricamente, quando explica que o dialogismo de Dostoiévski é uma resposta à ideia de indivíduo

<sup>2</sup> Deve-se notar, para que não se reduzam todas as variadas perspectivas de estudos linguísticos, sua importância e historicidade, que o autor se refere à linguística de base estruturalista.

que o capitalismo forjou, “cultura decadente e idealista (individualista), a cultura de solidão de princípio e incontrastável”.

Assim, segundo o filósofo russo, “o capitalismo criou as condições para um tipo especial de consciência permanentemente solitária. Dostoiévski revela toda a falsidade dessa consciência” (BAKHTIN, 2015, p. 323). É por isso que, conforme Bakhtin (2015, p, 321):

O sentido de indivíduo em Dostoiévski tem sentido filosófico muito particular: é um ser situado em fronteira, em um limiar em que interage com o outro, de quem recebe muitos adendos à sua personalidade e à sua consciência e a quem ele também transmite adendos similares. É o indivíduo em convívio, entre uma multiplicidade de consciências, o indivíduo em processo de construção dialógica.

Sob este viés, qualquer ação que transtorne esse indivíduo coletivo, rompendo essa condição limiar com outros indivíduos, é uma forma de abuso, de reificação do homem:

Na sociedade de classe, levada ao extremo nas condições do capitalismo. Essa reificação é causada por forças externas que agem de fora e de dentro sobre o indivíduo; é a violência em todas as formas possíveis (econômica, política, ideológica), e só é possível combatê-las externamente e com forças externas (a violência revolucionária justificada); o indivíduo é o fim (BAKHTIN, 2015, p. 335).

É, justamente, por buscar esse indivíduo situado no limiar – coletivo e constituído sob fronteira com os outros – que a forma dialógica pode assegurar a interconstitutividade solidária dos sujeitos sociais, como prática responsável pelo outro e não a despeito do outro. Para exemplificá-lo, consideremos o caso do juiz José Eugênio do Amaral Souza Neto, do Fórum da Barra Funda que libertou o acusado de ejacular em uma mulher num ônibus, e o da Associação Paulista de Magistrados, que não repudiou tal prática<sup>3</sup>. Como se vê, ambas as instituições parecem se pautar numa interpretação técnico-jurídica que se sobredetermina, por assim dizer, a uma dialógica responsável. Esta, por princípio, não pode reduzir a unidade humana concreta a apenas uma unidade abstrata tecnicista e legalista da cultura, esta que sempre será menor que uma vida. Sobre a responsabilidade na perspectiva bakhtiniana, é digno de nota o que Faraco (2017, p. 52) assevera:

Ser responsabilmente participante é realizar sua singularidade não para si, mas na relação com o outro. A interação é constitutiva (é o princípio arquitetônico) do mundo real do ato; e o outro, irredutível na sua diferença, mas correlato com o eu, é a efetiva baliza do agir; funciona, portanto, como antídoto do irracionalismo em qualquer de suas dimensões: “o princípio arquitetônico supremo do mundo real do ato é a contraposição concreta, arquitetonicamente válida, entre eu e outro. A vida conhece dois centros

<sup>3</sup> O caso ocorreu em um ônibus que circula na Avenida Paulista, na região central de São Paulo, onde Diego Ferreira de Novais, de 27 anos, foi preso, dia 29 de setembro de 2017, em flagrante delito pela polícia civil, embora o juiz José Eugênio do Amaral Souza Neto, do Foro Central Criminal da Barra Funda tenha relaxado o flagrante, por “entender” que não houve estupro, mas “importunação ofensiva ao pudor”. Cf. <<https://veja.abril.com.br/brasil/soltura-de-homem-que-ejaculou-em-mulher-no-onibus-divide-juristas/>>. Acesso 26/05/2018.

de valores, diferentes por princípio, mas correlatos entre si: o eu e o outro, e em torno destes centros se distribuem e se dispõem todos os momentos concretos do existir” (BAKHTIN, 2010, p.142). Assim, viver é agir responsabilmente a partir de si e em correlação com o outro, é posicionar-se axiologicamente, é participar do diálogo aberto, do simpósio universal. Três verbos ativos – agir, valorar, interagir – tecem o viver.

Parece, portanto, que o ato discursivo do juiz José Eugênio do Amaral Souza Neto e da Associação Paulista de Magistrados se limitaram a posicionar-se em favor do texto (de si, a “lógica individualista/capitalista”) em detrimento do sujeito (o outro, a lógica “responsável/dialógica”). No final das contas, na prática desse juiz e da associação, prevaleceu a lógica do sujeito individualista responsável apenas por sua classe e sua lei.

Como se pode perceber, a crítica dos modos de organização do discurso vivo está indissociável da crítica das relações hegemônicas dos *modus operandi* da lógica capitalista. Acreditamos, assim, que depois dessas palavras, podemos dizer que nosso interesse por discutir a possibilidade de organização de uma sociedade mais justa, pautada em relações intersubjetivas não abusivas, se coaduna com o percurso teórico que seguimos a adentrar nas sendas que a ADD permite trilhar a fim de inserimo-nos academicamente de maneira ética em causas sociais de transformação da sociedade.

## Discurso vivo e Diálogo

Segundo Bakhtin (2014, p. 152), pode-se falar de uma vitalidade histórica do discurso que endossaria movimentos discursivos responsáveis pela problematização de formas de organização das interações verbais e sociais, cumprindo uma missão “de ampliar e de renovar seu significado em contextos novos e vivos”. Logo, pode-se dizer que o discurso morto seria aquele que se organiza, à medida que desconsidere as suas contradições fundantes.

De fato, nas palavras de Bakhtin/Volochínov (2014 [1924], p. 48), “a memória da história da humanidade está cheia destes signos ideológicos defuntos, incapazes de constituir uma arena para o confronto dos valores sociais vivos”. Pode-se ressaltar, ainda, que o discurso vivo seria aquele que não evita “a luta dos índices sociais de valor”, contra os interesses hegemônicos que “tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014 [1924], p. 48).

Sob esta esteira teórica, Bakhtin (2015, p. 310) entende que o discurso dialógico se constitui das “palavras do outro, introduzidas na nossa fala, [que] são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação”. Bakhtin (2014, p. 88) destaca também que “a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. [...] O discurso se encontra com o discurso de outrem, e não pode deixar de participar com ele de uma interação viva e tensa”. Os textos, assim, estão

inscritos numa situação de produção real, viva, envolvendo um lugar, tempo e sujeitos históricos definidos.

Desta maneira, os textos podem ser analisados, de acordo com Silva (2013, p. 49), considerando-se que “um enunciado é formado pela parte material (verbal ou visual) e pelos contextos de produção, circulação e recepção”, cuja fronteira é a unidade de sentido discursiva, a qual possui uma dimensão ética. Em outros termos, os textos concretamente estão ligados “a uma atividade humana, desempenhada por um sujeito que tem um lugar na sociedade e na história, ou seja, um sujeito que sempre está em interação com outros sujeitos” (SILVA, 2013, p. 51). Assim, sob a perspectiva bakhtiniana, superar o dualismo entre teoria e vida é de grande interesse, o que se orienta para a relação íntima entre vida, enquanto existência e valor e enunciado, enquanto ato de comunicação viva (VOLOCHÍNOV/BAKHTIN, s/d, p. 14).

De fato, a postura dialógica é forma de enfrentamento da reificação do homem cujos contextos de produção decorrem de práticas sociais e discursivas excludentes. Pensando em romper com estas relações alienadoras, Bakhtin/Volochínov (2014 [1924], p. 47-48) observa que:

Em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. Esta pluralidade social do signo ideológico é um traço da maior importância. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir.

Certamente, em toda prática discursiva, interinfluenciam-se forças associadas a atos solidários e abusivos, já que, em todo discurso, há orientações contraditórias e orientadas para dado valor social. Nesse sentido, na elaboração concreta do discurso, “meios sutis e versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014 [1924], p. 156) podem ser operacionalizados, de maneira que sejam estabelecidas práticas de exclusão social (p. ex., em situações de ensino de leitura, a não inclusão de discussões sobre problemas imediatos da vida cidadã dos alunos, se pensarmos no contexto escolar). Por outro lado, estes mesmos meios sutis e versáteis de introdução de réplicas de outrem podem servir à conscientização da palavra própria (p. ex., quando se amplia o horizonte social – consequentemente o valor de suas palavras – de sujeitos marginalizados).

O diálogo identifica-se, enfim, no embate presente na ação entre “sujeitos sociais que, em espaços e tempos diversos tomam a palavra ou têm a palavra representada, ressignificada” (MARCHEZAN, 2014, p. 128), no movimento dialógico, de cujo retorno pode-se mais apropriadamente (humanamente) encontrar o homem no homem, ou seja, superar, no mais possível, relações de exclusão social, forjadas em ordens discursivas abusivas, por meio do vislumbre do poder problematizador das relações dialógicas.



Sintetizando, o texto, em sendo dialógico, está “na fronteira entre a vida e o aspecto verbal do enunciado” (VOLOCHÍNOV/BAKHTIN, s/d, p. 14). As particularidades conceituais, a seguir, podem ser destacadas sobre a noção de diálogo, orientado, especialmente: 1) pela concretude dos acontecimentos e pela experiência viva; 2) pelo assentamento no contexto amplo da comunicação; e 3) pelo posicionamento ético entre sujeitos. Por exemplo, veicula-se, nas redes sociais, uma crítica ao “entreguismo” de políticas de privatização do governo atual com enunciados que circulam em forma de meme<sup>4</sup> nas redes sociais, com a seguinte composição verbal: “Michel Temer está parecendo usuário de crack vendendo tudo que tem em casa”; outrora, no governo, de mesma linha, de Fernando Henrique, com o mesmo problema de privatização, surgiu um cartaz com o enunciado seguinte: “Tucanos Productions and PSDB Privatizations apresenta... Fernando Henrique Cardoso e José Serra OS HOMENS QUE VENDERAM O BRASIL. Direção: [...]”. Neste ponto do texto, seguem diversos nomes de jornalistas e publicitários

Figura 1<sup>5</sup>



Figura 2<sup>6</sup>



<sup>4</sup> Segundo Arruda (2017, p. 12), meme é um gênero discursivo “amplamente veiculado na internet, especialmente nas redes sociais, como veiculação de uma informação jocosa ou irônica sobre fatos que repercutem na sociedade (uma imagem, uma gíria ou um bordão, ícones, vídeos e caracteres), valendo-se de diversos recursos multimodais, como a utilização de imagem, tonalidade de letras bem acentuada com cores diferentes, uso de imagens de pessoas famosas ou determinados personagens pertencentes a uma classe, entre outros”.

<sup>5</sup> Disponível em: <[26](https://www.google.com.br/search?q=Michel+Temer+est%C3%A1+parecendo+usu%C3%A1rio+de+crack+vendendo+tudo+que+tem+em+casa&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjh7Kuv0e_WAhVCEJAKHaJkCxQQsAQILg&biw=1366&bih=662#imgrc=pS6suJlvDjufwM:> Acesso 24/05/2018.</a></p></div><div data-bbox=)

de TV e Jornal de grande circulação do Brasil, acompanhados com as fotos destes sujeitos. Veja-se:

Importa notar, nestes exemplos, que, tanto o conteúdo é semelhante (crítica contra a privatização), quanto à forma (recurso à comparação, num caso, com um dependente químico; noutra, com uma produção cinematográfica). É justamente sobre esta forma, a qual remete a acontecimentos públicos que ganharam bastante visibilidade social, que a especificidade concreta do discurso se orienta, sempre respondendo a ela, como forma de garantir sua inscrição histórica. A comparação com a produção de um filme e um hábito drogadito são singularidades do período específico em que se produziu e se fez circular cada um desses textos, ligando-os a sua vivência e a um horizonte social específicos. É, nas sutilezas dessas construções, que se pode fazer, dialogicamente, uma análise ética de práticas discursivas.

De fato, em Bakhtin (2010), está ressaltada a ideia de que, para a dimensão dialógica com que cada enunciado está impregnado, implica haver diversos acentos discursivos que lhe estão associados. Estes organizam-se em torno de centros de valores que tornam ambivalentes este mesmo enunciado. Assim, são essas vozes que concretizam, que dão vida, que humanizam as formas materiais do enunciado, e que, por isso, o tornam dialógico. Essas vozes são indiciadas, materialmente, em vocábulos, modalizações, figuras de linguagem, etc., sempre acentuados, isto é, envoltos em atividades com apreciações valorativas, pois:

O componente valor é em todo lugar condicionado não por um princípio logicamente fundante, mas do lugar único que ocupa um objeto na arquitetura concreta do evento, do ponto de vista do lugar singular de um sujeito participante (BAKHTIN, 2010, p. 139-140).

Neste momento, podemos destacar o quanto o estudo dessa atividade dialógica é importante para os propósitos que objetivamos em nossa carreira acadêmica dentro e fora dos muros da universidade para a contribuição na luta contra formas de exploração social, uma vez que a atividade dialógica valorativa é uma forma de orientação para dado horizonte social e seus índices de valor. Assim, tal preceito teórico-metodológico permite vislumbrar os momentos de interpretação e distinção valorativa como constituinte das práticas discursivas. Dessa forma, podem-se reconhecer, aí, as lutas sociais e verbais fundantes das relações ético-políticas das práticas discursivas, conforme apresente o discurso enquanto modo de organização de posições engajadas.

## **Análise Dialógica do Discurso na sala de aula**

Para discutir a aplicação de procedimentos característicos da Análise Dialógica do Discurso em práticas transformadoras na sala de aula, faremos

<sup>6</sup> Disponível em: <[http://www.google.com.br/search?q=Tucanos+Productions+and+PSD+B+Privatizations+apresenta...+Fernando+Henrique+Cardoso+e+Jos%C3%A9+Serra+OS+HOMENS+QUE+VENDERAM+O+BRASIL&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjdxO20u57bAhUJDpAKHUV4AmIQ\\_AUIDCgD&biw=1366&bih=613#imgrc=cZ8Hs2hcaV12LM](http://www.google.com.br/search?q=Tucanos+Productions+and+PSD+B+Privatizations+apresenta...+Fernando+Henrique+Cardoso+e+Jos%C3%A9+Serra+OS+HOMENS+QUE+VENDERAM+O+BRASIL&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjdxO20u57bAhUJDpAKHUV4AmIQ_AUIDCgD&biw=1366&bih=613#imgrc=cZ8Hs2hcaV12LM)> Acesso 24/05/2018.

uma análise do que seria uma proposta de atividade escolar de leitura fundamentada, ao mesmo tempo, numa concepção de leitura crítica e no conceito dialógico de palavra interiormente persuasiva. Segundo Koch e Elias (2006, p. 10), tratando de concepções não-críticas de leitura, observa-se que há caso com foco no autor em que ao leitor cabe o reconhecimento das intenções do autor e há, por outro lado, caso com foco no texto, cabendo-lhe o reconhecimento do sentido das palavras e estruturas do texto. Em qualquer dos casos, o leitor é caracterizado por realizar uma atividade de reconhecimento e de reprodução.

Desse modo, a imagem do leitor seria a de quem desempenha um papel passivo no ato de ler, apenas identificando informações colocadas no texto de modo pacífico, como se o texto não fosse um espaço de diálogo e interação sociais, sempre tensos e inacabados, entre sujeitos situados historicamente. A contribuição ativa do leitor, aí, é nenhuma; apenas de verificação, por isso sua característica é a passividade alienadora. Em consonância com Bakhtin (2011, p. 271), a este respeito, podemos salientar que “toda compreensão é prenhe de respostas e, nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente”, por isso, de um bom leitor, ou seja, crítico, conforme Solé (2003, p. 21, *apud* KOCH; ELIAS, 2006), se tem a expectativa de que ele critique, contradiga, avalie, ou seja, se posicione diante do que lê. De acordo com Bakhtin (2014, p. 145)

A palavra dialógica do outro, interiormente persuasiva e reconhecida por nós [...] é determinante para o processo da transformação ideológica da consciência individual: para uma vida ideológica independente, a consciência desperta num mundo onde as palavras de outrem a rodeiam e onde logo de início ela não se destaca; a distinção entre nossas palavras e as do outro, entre os nossos pensamentos e os dos outros se realiza relativamente tarde. Quando começa o trabalho do pensamento independente experimental e seletivo, antes de tudo ocorre uma separação da palavra persuasiva da palavra autoritária imposta e da massa das palavras indiferentes que não nos atingem.

Uma primeira contribuição que a palavra interiormente persuasiva tem para com o ensino de leitura decorre do fato de que ela está orientada para a afirmação da palavra autônoma do sujeito que se produz em resposta à palavra do outro. Esta palavra estabelece-se na interação dialógica e se concretiza na crítica. Outra contribuição é a de que a palavra interiormente persuasiva permite a transformação do sujeito e da história, o que é uma força social motriz contra processos de alienação caracterizados pela naturalização de práticas sociais passivas e abusivas.

Devemos destacar, por ora, que não recorreremos a alguma atividade retirada de um livro didático, porque gostaríamos de afirmar a necessidade de o professor produzir na medida do possível seu próprio material (embora, por vezes, ele possa se valer do livro), a partir das formas de discursos que

circulam comumente nos lugares de cultura dos alunos, o que nem sempre é contemplado nos livros didáticos. É importante ainda que se considere, para a seleção do material didático a ser usada em sala de aula, a questão da formação para a cidadania<sup>7</sup>, tão cara à educação contemporânea. O leitor crítico, inclusive, será definido conforme seu poder de protagonismo cidadão.

Antes de iniciarmos a análise da proposta, devemos destacar que, conforme indicamos no início de nosso trabalho, intentamos promover práticas transformadoras, compreendendo-as enquanto formas sociais de engajamento cidadão, dizendo em outras palavras, como forma de participação crítica cujos propósitos se delineiam a fim de se proporem alternativas contra problemas sociais. No nosso caso, em particular, a partir da prática pedagógica em sala de aula, propomo-nos refletir sobre: 1) como professores na rede básica podem contribuir para a formação cidadã de seus alunos; e 2) que características de uma aula no âmbito escolar podem ser problematizadas na formação docente por professores na universidade. Tais reflexões devem orientar-se segundo tanto o reconhecimento de que com educação para cidadania, escola e universidade podem contribuir para a diminuição de mazelas sociais, como os altos índices de acidente de trânsito, quanto à expectativa de que sujeitos sociais conscientes de seu papel são sujeitos sociais empoderados<sup>8</sup>, isto é, capazes de interagir socialmente de forma autônoma e responsável, bem como quanto ao problema de que o desconhecimento das vicissitudes sociais incide sobre comportamentos viciados, como os que põem em risco a vida humana no trânsito.

É pensando, portanto, nessas questões que selecionamos trechos (textos 1) da CARTILHA DE TRÂNSITO. DICAS PARA VOCÊ VIVER MAIS E MELHOR, uma publicação da SOCIEDADE BRASILEIRA DE TRÂNSITO, a SBOT. O artigo 1º da RESOLUÇÃO 453, DE 26 DE SETEMBRO DE 2013 do CONSELHO NACIONAL DE TRÂNSITO – CONTRAN (texto 2). E, por fim, um *outdoor* que circulou em belo horizonte (texto 3). Como se vê, todos os trechos são discursos concretos que tratam da questão social de acidentes de trânsito.

**O**s acidentes de trânsito terrestres constituem um importante problema de saúde pública, sendo uma das principais causas de óbito no mundo: 1,2 milhão de pessoas morrem todos os anos por acidentes de trânsito, sem contar lesões que deixam um número maior de pessoas com seqüelas graves e incapacitadas.

Com relação aos motociclistas, o maior risco de óbito foi verificado entre os jovens de 15 a 39 anos. Em 2006, a maior parte das internações nos hospitais do SUS no Brasil ocorreram devido ao atropelamento de pedestres (33,7%), seguida pelos acidentes com motocicleta (28,2%) - (gráfico 1).



Gráfico 1

<sup>7</sup> Consideramos que atualmente as práticas educativas devem orientar-se segundo questões sobre o exercício da cidadania, que, de acordo com Brasil (2017, p. 82), envolve “a condição [do sujeito] de se inteirar dos fatos do mundo e opinar sobre eles, de poder propor pautas de discussão e soluções de problemas, como forma de vislumbrar formas de atuação na vida pública” e segundo Carvalho (2002) é desdobrada em direitos civis (os direitos fundamentais à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei), políticos (os que se referem à participação do cidadão no governo da sociedade) e sociais (os que garantem a participação na riqueza coletiva).

<sup>8</sup> Consideramos que o não exercício pleno da cidadania implica que sujeitos sociais estejam em situação de vulnerabilidade, e, portanto, marginalização, ou por não poderem participar das discussões sobre os problemas sociais, ou por não terem garantidos direitos.

## **Texto 1: a cartilha de trânsito - DICAS PARA VOCÊ VIVER MAIS E MELHOR**

Sobre o texto 1, numa aula tradicional, comumente, tematizar-se-iam questões sobre quais seriam as intenções do autor e os significados de algumas partes do texto. Um exercício de leitura, nesse modelo, poderia ser o seguinte: 1) Quantas pessoas morrem por acidente de trânsito? 2) Qual a faixa etária de maior risco entre motociclistas? 3) Dê sua opinião sobre o texto.

Observe-se que, se as duas primeiras questões são estritamente de decodificação, a última parece orientar-se para uma participação crítica do aluno sobre o texto. No entanto, percebemos que esta participação estaria bastante limitada porque, somente no diálogo com outros textos, ou seja, na mediação com diversas palavras, é que se poderia ter uma participação autêntica deste aluno. Por isso, é deveras importante que o texto não figure na aula, isoladamente, despregado das relações discursivas e práticas sociais que lhe deram origem, já que o protagonismo na leitura se funda na interação entre palavras do eu e do outro, situados historicamente. Logo, para que um comando como DÊ SUA OPINIÃO possa ser apropriado por e para alguém, este deve contrapô-lo a diversos discursos sobre o tema. Ora, é por entre as palavras dos outros que a palavra própria autoral vai construir-se. Assim, uma atividade de leitura crítica poderia propor as seguintes questões: 1) Você conhece alguém que já se acidentou? 2) Na rua onde você mora, há muito movimento de moto? 3) E: esta rua é considerada perigosa? 4) Leia o texto 1 e diga por que se deve evitar os acidentes de trânsito.

Atente-se que, aqui, busca-se primeiro inserir o texto na realidade imediata do aluno, no seu horizonte social, intentando-se problematizar seus índices de valor, para, depois, orientá-lo em direção ao texto. Desse modo, inverte-se a lógica entre palavra alheia e própria, o movimento não é mais daquela para esta. É importante que, antes de estabelecer um movimento também unilateral, apenas invertido, da palavra própria para a palavra alheia, o que se propõe é a contradição dos dois movimentos, sendo que neles é que a crítica pode haver. Tal interação deve ser atravessa por outros discursos, por isso, juntamente com o texto em questão, outros devem ser tangenciados, daí questões sobre o diálogo sobre textos, sujeitos e situações concretas serem interessantes. Veja-se: 1) Na opinião de seus pais por que os motociclistas desrespeitam o limite de velocidade? 2) Você conhece a lei que trata dos limites de velocidade no trânsito? 3) Leia o texto 2.

## **Texto 2: artigo 1º da RESOLUÇÃO 453, DE 26 DE SETEMBRO DE 2013 do CONSELHO NACIONAL DE TRÂNSITO – CONTRAN**

Art. 1º É obrigatório, para circular nas vias públicas, o uso de capacete motociclístico pelo condutor e passageiro de motocicleta, motoneta, ciclomotor, triciclo motorizado e quadríciclo motorizado, devidamente afixado

à cabeça pelo conjunto formado pela cinta jugular e engate, por debaixo do maxilar inferior.

Parágrafo único. O capacete motociclístico deve estar certificado por organismo acreditado pelo Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial - INMETRO, de acordo com regulamento de avaliação da conformidade por ele aprovado (RESOLUÇÃO 453, DE 26 DE SETEMBRO DE 2013).

Ao se relacionar o texto 1 com 2 e questionar-se a respeito da atitude imprudente do motociclista, está-se estabelecendo uma relação dialógica que envolve a experiência comum do aluno e outras, além de questões legais e cidadãs. Em meio a todas estas cadeias dialógicas, a criticidade pode emergir. Para finalizar, podem-se ainda apresentar outros textos e outros sujeitos sociais, como com as próximas questões: 1) Quem assina os textos a seguir? 2) Quais os interesses dessas pessoas em querer diminuir os acidentes com motociclistas? 3) Quem mais também poderia fazer para diminuir estes acidentes?

### **Texto 3: Sociedade Brasileira de Trânsito – SBOT. Cartilha de trânsito. Dicas para você viver mais e melhor**

O maior dano, sem dúvida, é a lamentável perda de vidas, mas o custo do tratamento – que atualmente chega a bilhões de Reais – tem sido crescente, obrigando o estado a retirar recursos de outras áreas estratégicas. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE TRÂNSITO – SBOT. CARTILHA DE TRÂNSITO. DICAS PARA VOCÊ VIVER MAIS E MELHOR. SBOT. s/d p. 2).



Fonte: <[http://portfoliopatricia.blogspot.com.br/2009/11/blog-post\\_6433.html](http://portfoliopatricia.blogspot.com.br/2009/11/blog-post_6433.html)>. Acesso em 11/10/2018

#### **Texto 4: *outdoor* sobre conscientização acerca da morte frequente de jovens em acidente de moto em Belo Horizonte**

O desenvolvimento dessas questões pode ser ampliado extensamente, o que não é ruim, pois é no diálogo ininterrupto que o sujeito se constitui. E a formação de leitores críticos só pode ter a ganhar com isso. Podemos destacar, então, que a perspectiva dialógica de análise do discurso orienta-se, particularmente, pelo estudo de relações dialógicas, enquanto uso da língua caracterizado pela responsabilização pelo que se diz (para outros) em interações interpessoais concretas.

Isto pode ser compreendido, ao mesmo tempo, como a orientação ideológica, axiológica, dialógica do discurso, sem o que o destino dele terá fim na reificação da palavra e nas relações humanas, ou seja, na perda do horizonte concreto de uso discursivo. Considerando que a lógica individualista capitalista se organiza como tendência redutora dos imperativos solidários nas práticas sociais, podemos compreender, então, que o valor transformador de uma análise dialógica estaria na possibilidade de empreender uma atividade de empoderamento dos sujeitos participantes (alunos/cidadãos, especialmente) por assumir a prática discursiva como um ativismo questionador e excitador de respostas comprometidas com os problemas de seus horizontes sociais concretos. Vimo-lo, assim, quando na atividade proposta procuramos não nos distanciarmos do contexto real em que os alunos estão inseridos (violência no trânsito), nem dos problemas sociais que eles sofrem (não letramento jurídico), tentando evidenciar as relações dialógicas nas quais cada texto e cada sujeito envolvidos na interação discursiva se organizam.

#### **Considerações finais**

Ao final de nossas reflexões empreendidas ao longo deste texto, compreendemos que, mais do que uma síntese de escolhas teóricas e metodológicas de dada teoria, o caminho acadêmico se faz de constantes problematizações sobre quais são nossos interesses de sociedade e quais são os meios acadêmicos que o podem oportunizar, além de saber que essas questões são pesadas, a partir de nossas experiências de vida concretas tanto dentro como fora dos muros da universidade, o que as ideias círculo-bakhtinianas podem nos ajudar a entender melhor.

De fato, como dissemos, fazemos da atividade acadêmica um ato que toma corpo, a partir dos gestos que respondem mais vitalmente às intempéries das nossas experiências de vida. Por isso, pensar sobre nossa identidade acadêmica e sobre nossa participação social é uma experiência viva, diríamos, teimosa, porque nos faz (re) significar nossos princípios pessoais e projetos e perspectivas de organização e engajamentos sociais, numa peleja (porque, descobrimos, contraditoriamente, nesse caminhar

que, entre o que projetamos e o com que nos deparamos, há mais mistérios que a vã ingenuidade nos faz crer) em prol de uma vida mais acolhedora.

É nesse sentido que, nessa apresentação dos percursos que tecem nossa vida acadêmica, buscamos evidenciar seu caráter político, sua pulsação por decisões comprometidas com uma causa social. Em outros termos, nossa visão de mundo compreende que a atividade acadêmica é uma atividade essencialmente social e, por isso mesmo, nunca desinteressada, devendo, portanto, preocupar-se com os problemas éticos da pesquisa e a busca de solução de questões sociais, além de com a crítica da constituição e do *status* do próprio discurso acadêmico, como representação não neutra, nem ingênua, mas, sobretudo, comprometida com grupos sociais específicos, bem como preocupar-se de que forma essas questões chegam à sala de aula.

## Referências

ARRUDA, R. B. L. **Gênero meme e ensino de leitura: investigando o letramento multimodal crítico de alunos de língua inglesa**. 2017. 183 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

\_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance**. 7. ed. São Paulo, Hucitec, 2014.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro e João editores, 2010.

BAKHTIN, M., VOLOCHÍNOV. V **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2014 [1924].

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 9-31.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC\\_EnsinoMedio\\_embaixa\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf)> Acesso em: 11 out. 2018.

CARVALHO, J. M. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.



CHARLOT, B. **Da relação com o saber às práticas pedagógicas educativas**. São Paulo, Cortez, 2013.

FARACO, C. A. Bakhtin e filosofia. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 45-56, Maio/Ago. 2017.

KOCH, I. V., ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 115-131.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SILVA, A. P. P. F. Bakhtin. In: OLIVEIRA, L. A. (Org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 46-59.

SIPRIANO, B. F. **Vozes sociais e produção de sentidos: a representação do beato José Lourenço e do movimento Caldeirão na cobertura do jornal O Povo (1934-1938)**. 2014. 208 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

VOLOCHÍNOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. **Discurso na vida e na arte: sobre a poética sociológica**. Tradução para uso didático feita por Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. [s.d.]

*Recebido em outubro/2018.*

*Aceito em janeiro/2019.*